



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

PENSANDO A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DE AMPLOS PROCESSOS HISTÓRICOS, DÚVIDAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Maíra Maia de Moura

Este artigo trata da Educação como uma área de estudos, que envolve diferentes dimensões temporais e espaciais, protagonismos políticos e sociais, relações internacionais e construção nacional, além de recortes temáticos diversos e infinitas possibilidades de leituras. Por essa razão, começaremos esta discussão teórica com um cotejo de leituras no campo da história da pedagogia, a exemplo de Azevedo (2010), Ribeiro (1995), Nagle (2009) e Cambi (1999), para entendermos o que significa a Escola no projeto moderno de educação e sua presença na educação brasileira. Traremos algumas sugestões de discussão teórica do campo da educação, entrelaçado com a sociologia, história, psicologia, economia e epistemologia. Longe de certezas, fizemos este ensaio de escrita autoral, como espaço de formulação de perguntas e dúvidas, para compreendermos a complexidade do campo da educação em geral e da educação brasileira, em particular, sendo que nossas metas dizem respeito a alguns temas para problematização e reflexão compartilhada.

Palavras-Chave: Educação – Pedagogia - História

Introdução

Essa perspectiva nos foi aberta pelos estudos e debates realizados no transcorrer do primeiro semestre e segundo semestre do nosso curso de doutorado em Educação na UFC, na linha História da Educação Comparada a partir de uma abordagem histórica e sociológica da educação brasileira, inscrita no Seminário de Educação Brasileira, do Programa de Pós-Graduação em Educação, no segundo semestre de 2015.

Este estudo envolve uma metodologia de base bibliográfica, onde o conhecimento mais aproximado do campo estudado será o fundamento maior para tirar indicações de ordem prática para lidar com os dilemas de pensar a Educação. Para tanto, foi necessário fazer leituras relacionadas com a área da história, sociologia, educação e da psicologia.

Buscamos conhecer o que nos oferecia a literatura científica ofertada no referido Seminário, nas áreas da sociologia, história, psicologia e educação. Inicialmente, realizamos uma seleção de autores e obras de maior expressividade para subsidiar nosso referencial teórico. São alguns teóricos que contribuem para pensar a Educação, através de amplos processos históricos e desafios contemporâneos, a exemplo de: A Cultura Brasileira (AZEVEDO, 2010), História da Pedagogia (CAMBI, 1999), Educação e Sociedade na Primeira República (NAGLE, 2009) e O Povo Brasileiro - A Formação e o Sentido do Brasil (RIBEIRO, 1995).



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

A história da educação e da sociedade nos mostra modos de organização do ensino que são mudadas de tempos em tempos. O mundo em que vivemos, na atualidade, está envolto em processos de mudança de natureza econômica e tecnológica, de valores e modo de organização das relações sociais em vários aspectos. Todos eles têm impacto sobre a sociedade e a educação, pois interferem nas estruturas de relacionamento entre gerações, instituições e mentalidades.

A Cultura Brasileira - Evolução social e política

Ao ler o livro *A Cultura Brasileira* (2010) de Fernando Azevedo, algo que muito nos chama atenção está ligado ao fator da heterogeneidade na formação da sociedade brasileira, o quadro de origens e da evolução das formas de estrutura social e política que assumiu a sociedade brasileira, desde que começou a constituir-se, no primeiro século, até os dias de hoje.

Azevedo (2010) vai apontando o movimento da nossa formação como civilização. Discorre que, no vasto território descoberto, ocupado primeiramente só em partes, temos na sua faixa litorânea, explorada pela metrópole, povoado por maioria indígena e por minoria branca. Em 1530, com Martim Afonso de Sousa, a colonização segue novos rumos com a doação de 15 capitanias hereditárias, que marcam o período de fixação do homem à terra. Houve aqui uma experiência feudal. A sociedade nascente estava disseminada em pequenos núcleos, esparsos e a grandes distâncias uns dos outros; foi constituída inicialmente de duas raças, a branca e a vermelha (índios). Essa heterogeneidade inicial se complicou com a importação de escravos africanos; então. Dava-se o nascedouro da sociedade brasileira; nos choques das três raças e culturas, em um esforço que pode se dizer quase "instintivo" de sobrevivência.

Ele destaca que os portugueses já haviam atingido um certo grau de civilização, com domínio náutico e militar, religioso e econômico; o capitalismo se achava em fase comercial de exploração de produtos agrícolas, os negros já haviam chegado ao estágio agrícola e os índios permaneciam nos estágios mais primitivos de colheita, da caça e da pesca.

Azevedo (2010) nos leva nessa viagem em seu livro, do nascedouro da formação da sociedade brasileira, nos diz que houve um verdadeiro "caldeamento étnico", pelo cruzamento em larga escala, primeiramente, entre brancos e indígenas; e, posteriormente, com os negros, sendo então a miscigenação largamente praticada. Como sabemos, miscigenação consiste na mistura\conflito de raças, de povos e de diferentes etnias.

Vemos uma sociedade nascendo em meio a uma profunda miscigenação e que essa sociedade primitiva colonial, estava notavelmente desnivelada, pelas diferenças demográficas; mais tarde, com a independência, o império e a república, vieram as políticas, que encontrava na



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

distinção de raças um fator novo e um sinal de diferenciação. Vale pontuar que a tese republicana da miscigenação visava, no fundo, apagar os conflitos e guerras havidas entre colonizador e colonizado.

Temos a contribuição de dois estudiosos brasileiros para essa nossa discussão. Gilberto Freire (1900-1987), que se dedicou a ensaios de interpretação do Brasil, do ponto de vista antropológico, sociológico e histórico em sua obra *Casa-Grande & Senzala: Formação da Sociedade Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal* (2003). Ele acreditava que a miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que, de outro modo, se teria conservado enorme entre a casa-grande e a senzala. A tese de Freire hoje é muito criticada. Ele teoriza “mistura de raças” de modo a apagar o massacre cultural instalado pelos europeus, em detrimento de povos e culturas nativas e africanas.

O antropólogo, escritor e político brasileiro, Darcy Ribeiro (1922-1997) em sua obra, *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil* (1995) não enxergava a mestiçagem ou essa mistura de diferentes Brasis como sinônimo de “democracia racial”. Ele defende que, para existir a democracia racial era preciso, antes, vivermos uma democracia social. Por isso, ele destaca a estratificação de classes que marcou a história do Brasil, com uma grande desigualdade entre as classes ricas e as pobres, a concentração de riqueza na mão de poucos e a desumanização das relações de trabalho.

Como aprendemos no referido Seminário, um povo sem passado, é um povo que não pensa, reflete, problematiza seu presente e muito menos transforma o seu futuro. Compreender nossa história de formação da sociedade e educação brasileira é essencial, para compreensão da alma profunda do “ser brasileiro”. Compreensão essa que se torna fundamental para nosso posicionamento político e civil como educadora, como cidadã e integrante dessa sociedade, em cuja dinâmica somos envolvidos, engajados e comprometidos com as questões sociais de nosso País. Podemos listar várias delas, ou começar por falar de algumas, para entendermos a complexidade étnica e política da sociedade brasileira. Tomemos a questão indígena que nos remete ao começo do Brasil e continua a se colocar como algo insolúvel e digno de ser pensado como dilema da nossa educação.

No dia 30 de Dezembro de 2015 no Brasil, um bebê índio do povo *Kaingang*, seu nome era Vitor Pinto, estava no colo da mãe em uma rodoviária em Santa Catarina enquanto um homem chegou perto, afagou o seu rosto e enfiou uma lâmina no seu pescoço, me parece que o ano de 1500 nunca acabou, o mais triste é que o Brasil não parou para chorar a sua morte, sua morte nem sequer



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

virou destaque na imprensa nacional. Um crime de tamanha barbárie, brutal e terrível. É a criança que é assassinada, é o índio que é assassinado, é nossa herança primitiva mais saudável que é assassinada. Vivemos hoje no Brasil uma verdadeira barbárie em relação aos índios e a proteção de suas terras, os interesses do agronegócio matam, mentem, denigrem, assassinam de forma vil os indígenas. Desde 1500, esse massacre ocorre. A barbárie continua, me parece que enquanto houver um índio vivo, não haverá paz. Temos a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) extremamente fragilizada, que deveria protegê-los. O que fazer? Para onde estamos caminhando? De que forma, nós educadoras, podemos contribuir para um diálogo lúcido sobre essas questões?

O legado dos índios é justamente o retorno ao primitivo ancestral de que tanto precisamos reencontrar em nossa psique profunda, para que nós enquanto indivíduo, povo, nação, mundo, não adoecemos mais e, conseqüentemente, o mundo fique completamente adoecido.

A Educação e a Sociedade na Primeira República

É de extrema importância compreender a formação do Brasil e como se deu a organização da sua Educação. Saber que fomos um povo desde as nossas bases, formado de modo desigual. Segundo Nagle (2009) tínhamos “dois Brasis”, com dois sistemas uma civilização: uma civilização agrária comercial e outra civilização urbano- industrial; segundo ele, é num quadro de transformações (fins do Império) que é importante se pensar a educação, a escolarização da Primeira República.

Tinha-se a crença, nessa época, de que com mais instituições escolares, seria possível incorporar grandes camadas da população no caminho do progresso nacional, e colocar o Brasil em meio as grandes nações do mundo, era uma crença em reformar a sociedade pela reforma do homem, então estamos falando de uma época em que se tinha um grande otimismo e entusiasmo pela educação, falamos aqui de um “espírito republicano” formado de um embate ideológico dos fins do Império. A escolarização era concebida como a mais eficaz alavanca da história brasileira. Só na década final da Primeira República se dá o aparecimento do técnico em educação, como uma nova categoria profissional.

Estamos falando de um tempo em que a população brasileira era excluída da escola, sendo em grande parte analfabeta. Vemos, então, porque, em 1920, se levanta a bandeira de luta contra o analfabetismo. Pensava-se que a educação popular era a pedra angular de toda organização social; a alfabetização passa a ser o primeiro passo necessário a educação primária, tendo aqui um importante valor civilizatório a transmissão do ABC, essa educação era mais uma etapa de formação do que de instrução.(Nagle,2009).



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Nesse mesmo tempo histórico, começa-se a preocupação com a educação profissional. Educar para produzir, surgindo um esforço para difundir e repesar a escolarização técnico-profissional. Temos aqui uma visão sobre a educação que diz: a educação é o instrumento que aciona a riqueza de um país. Claro que havia interesses outros em relação à divisão de classes, como diz a visão marxista, pois profissionalizar a escola primária e disseminar o ensino técnico-profissional significa restringir as possibilidades de uma educação mais formadora, no sentido humanista; ou seja, indica que se quer aumentar as distâncias entre os quadros de formação da “elite” e os de formação do “povo”.

Por que é importante saber sobre a educação na Primeira República? Para responder essa pergunta farei uma metáfora com o arquétipo de Cronos, visto como arquétipo do tempo, que representa a passagem do tempo, a velhice e as tradições. Nele encontramos a limitação da vida mortal.

Esse arquétipo nos diz que devemos aceitar nossa condição mortal. Aceitar a maturidade nos traz sabedoria. Somente assim podemos parar de fantasiar que virá alguém como num passe de mágica transformar a nossa vida em um aconchego eterno. E então, passamos a assumir a responsabilidade dos nossos atos e escolhas. A maturidade do espírito faz com que diminuamos as projeções.

Daí a importância como educadora, como cidadã, de compreender a história da educação, sabendo do passado, posso refletir minha prática no presente e transformar o meu futuro.

Aceitando-me como mortal, compreendendo a passagem do tempo, as construções históricas no que concerne à educação, às tradições, trazendo então sabedoria em minha vida e atuação como educadora que sou. Desconstruindo o pensamento mágico de que tudo vai se resolver por um passe de mágica, mas pelo contrário, num embate, numa luta ideológica, que tem alguma chance que tem algum saber. Assumindo assim responsabilidade com os meus atos, meus discursos, minhas escolhas e meu comprometimento com a sociedade na qual estou inserida.

Olhar o passado nos dá essa sabedoria. A história da educação brasileira nos mostra os projetos, as bandeiras, as ideologias e lutas de gerações que nos antecederam para construir uma nação que entende a escola como meio de progresso econômico e social. A nossa história educacional contém também modelos de escola e pedagogia herdados do processo colonial europeu, sobretudo aqueles que foram cunhados no século XIX, quando foram adotados como únicos e universais, mas sendo portadores de muitas dificuldades e conflitos.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Compreendendo a História da Pedagogia com foco na Contemporaneidade

Na obra, História da Pedagogia, de Franco Cambi (1999), o autor nos conta esta história, recortada em quatro partes, sendo a primeira focada no Mundo Antigo; a segunda parte, na Época Medieval; a terceira, na Época Moderna e a quarta parte, na Época Contemporânea. Feita essa periodização clássica da história ocidental, Cambi nos faz compreender que a Educação deve ser vista como *práxis, ethos e episteme*. Isto sabendo que a *práxis* vem com a experiência, saber do senso comum, com as tradições; o *ethos* resulta de uma dimensão ética do fazer educativo, de uma consciência moral. Falamos aqui de um modelo de ser pessoa; com a *episteme* do educar compreendemos a epistemologia educativa, nascendo da consciência crítica desse fazer, falamos aqui de uma filosofia e sociologia da Educação.

Compreende, nesse sentido, a educação, não como uma questão moral, mas como uma questão de *práxis*, de *ethos* e de *episteme*. Tomando esses conceitos como base de reflexão sobre a nossa realidade brasileira, temos que, no bojo da *episteme* da educação brasileira sabemos ser ela, marcadamente, europeia. Posto isto, nos perguntamos: Como viver a educação dita brasileira, se ela é europeia? A Europa difundiu um modelo de educação, ao longo dos séculos de colonização, que diz como tratar a criança, dita o currículo, o que ensinar, sobretudo, oferece um modelo de escola que julga ter validade universal.

Diante dessa problemática e desse saber acumulado e herdado, surgem algumas indagações importantes para nós educadoras e investigadoras em Educação: É possível romper com o modelo de Educação europeu? Nós educadores, conseguimos fazer isso? É possível pensar uma educação brasileira? É possível pensar a Educação fora da história e da política? Quem pensa a Educação? Quem diz o que é válido? De onde vem as suas regras? Quem dá as regras do jogo?

Importante se faz ressaltar que, no século XIX, chamado por Cambi (1999) de "o século da pedagogia", é quando toda a pedagogia até então vigente vai se modificando, sendo atravessada pelo conflito tão bem elucidado por Marx, ao analisar a estrutura social do capitalismo (Proletário X Capitalista), sendo esta uma questão antes econômica do que não moral. Percebe-se nesse recorte temporal da história da Europa, que a escola é um traço da modernidade, posto que até 200 anos atrás, não existiam escolas, como as que temos hoje; e que, até meados do século XIX, não se mandava as crianças para escola, de forma obrigatória e em massa.

Por isso, importante se faz refletir sobre o sentido da escola, sob o domínio da burguesia. Aqui cabe fazer várias perguntas. O que era a educação infantil nesse tempo? Ela era a mesma para proletários e burgueses? Começava na infância e ia até a adolescência? Quem poderia chegar ao



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

nível secundário? Nesse ponto a educação divide alunos em dois grupos: alguns vão para o ensino superior, como profissionais liberais ou gerentes, alguns deles irão cuidar das empresas (os burgueses); outros vão para a fábrica ou roçado; uns realizarão trabalho intelectual, outros vão ser trabalhadores braçais (proletário).

Vemos aqui a escola como instituição principal da modernidade. Compreendemos que o Estado Moderno só pode existir com a escola, sendo esta uma instituição que forma mentalidades, pensamentos, modos de ser social. Assim, não existe processo social mais moderno do que a escola. Resumidamente, a escola é por onde passa todo projeto de sociedade moderna (CAMBI, 1999). Este autor evidencia a íntima ligação da educação escolar com o capitalismo moderno, pois o mesmo cria essa necessidade de organizar e massificar a educação para se aceitar viver numa sociedade de classes. Vemos claramente que a burguesia no século XIX tinha medo da maioria, precisava controlar as populações; por isso era preciso educar. Desse modo, o que domina, ensina a dominar e explorar; e o que é dominado ensina a ser submisso e obedecer.

Porém, se a educação sob o capitalismo faz nascer a racionalidade do controle, gera por outro lado a sua crítica. Para Karl Marx (1818-1883) e Antonio Gramsci (1891-1937), a educação para a classe proletária deve levar à tomada de consciência dessa condição de exploração, para poder romper com essa condição e fazer a revolução. Marx acredita que o homem (des)alienado pode lutar pela reconquista da liberdade e abrir caminho para revolução. Diante dessa dicotomia, como educar o conjunto da sociedade, se esta vive um conflito permanente de classes?

Em face desses conflitos da educação na modernidade, em linhas muito gerais, vemos até hoje a divisão de educadores em dois grupos distintos. Uns serão a favor do projeto de domínio da vontade da burguesia e outros educadores, em prol da educação emancipatória do proletariado. Examinando a sua história moderna, percebemos a escola como instituição principal, organizada sob inspiração positivista, estando entre as suas funções: ensinar o que está posto pela ideologia e ciência dominante, trazendo uma perspectiva profissional para produzir, segundo as ideologias de progresso constante e uma ordem, reguladora de direitos e deveres, onde os estudantes têm que obedecer e aprendem um modelo de ser social, que lhe dá as bases desde a primeira infância para se dizer o que é normal, o que é patológico, as leis e a moral. Dessa forma, a criança desde muito cedo vai se acostumando, vai naturalizando. De outro lado, temos uma educação minoritária de ideais socialistas, que dizem não estar de acordo com o estabelecido e propõem a revolução.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Reflexão sobre a formação republicana do Brasil e a sua relação com a história da pedagogia

Nessa profícua reflexão sobre os dilemas da educação no século XIX, entendemos com a ajuda da leitura de Cambi como nascem os ideais de uma Educação libertadora; ou seja, como uma proposta para nos tornarmos seres mais autônomos e educadores mais comprometidos com as causas sociais. Sendo a “educação libertadora” uma educação que estimula a capacidade criativa do indivíduo para se tornar autônomo e criativo, ela abre caminho para pensarmos, inclusive, uma educação pela arte. Mas claro que nada se dá sem conflitos, então problematizamos: Que interesses a sociedade capitalista tem em desenvolver pessoas autônomas e criativas? Nesse sentido, nós somos educados para repetir fórmulas, não para criar. Somos educados para obedecer e não para refletir com capacidade crítica.

É importante desenvolvermos uma consciência sistêmica sobre o assunto, dado que a educação em sua episteme tem história internacional, fluxos de constituição política e econômica europeu. Estamos tratando, portanto, de um complexo europeu de hegemonia mundial. Sendo esses esclarecimentos importantes do ponto de vista de uma retaguarda histórica para se pensar o presente da educação, do ensinar e aprender.

Ressaltemos a importância das dinâmicas pedagógicas, as dinâmicas das teorias, a dinâmica das ciências, dos fluxos para refletirmos a episteme do ato educacional; para nos posicionarmos como educadoras, sabendo que o mundo é conflituoso e por isso requer de nós essa capacidade crítica compreensiva e consciência política e epistêmica da situação social da educação como ação política.

Para pensar a Educação brasileira, entendemos ser de extrema valia partir dessa questão da estrutura colonialista e capitalista, burguesa e estrangeira da nossa formação social. Vale retomar aqui na possível contribuição do antropólogo e educador brasileiro Darcy Ribeiro (1922 - 1997), em sua mais famosa obra acima citada, onde ele aborda a história de formação do povo brasileiro, tratando das suas matrizes culturais e dos mecanismos de sua formação étnica e cultural. O autor nos aponta não ser possível pensar uma política séria para o nosso Brasil-Nação, se estas políticas públicas não estiverem alicerçadas na compreensão da alma ou constituição cultural do que somos como sociedade nacional, fundada sob um processo colonial, escravocrata e destruidor de culturas dos povos nativos.

Considerações finais

Foi-nos possível pensar a educação, a partir dos recortes citados acima oferecendo-nos sugestões de outras discussões teóricas do campo entrelaçado da sociologia, história, psicologia, da



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

economia, e da epistemologia para compreendermos a complexidade do fenômeno educacional moderno. Então, nossa meta no que diz respeito a este artigo como temas para reflexão e problematização, para pensarmos o significado da educação brasileira, foi cumprido.

O mundo em que vivemos está envolto em processos de mudança de natureza econômica e tecnológica, de valores e modo de organização das relações sociais em vários aspectos. Todos eles têm impacto sobre a sociedade e a educação. Mexem com estruturas de relacionamento entre gerações, instituições e mentalidades. Vale trazer, então, mais algumas indagações.

O que é educar hoje, quando a autoridade da escola e da família está sendo questionada? Quando os computadores e as redes sociais da internet concorrem com saberes, antes veiculados por gerações mais velhas, livros e professores? Diante de tudo isso, também o Estado capitalista e republicano e seu aparato de controle social e policial, e a própria estrutura política da sociedade já se mostra fragilizada e incapaz de garantir a tão prometida ordem social e o progresso que aparece como lema e símbolo de nossa nação?

Os problemas enfrentados parecem escapar da esfera nacional? O que quer dizer da globalização e internacionalização da economia e da política, quando o governo brasileiro não consegue resolver os inúmeros problemas da nossa sociedade? Sem querer respondê-las isoladamente, deixamos aqui nossas inquietantes reflexões, com o intuito de partilha e caminho aberto para a realização de estudos posteriores, sabendo que, ao lado da economia capitalista, a educação é a chave para entendermos a organização das sociedades pautadas pelo ideal de modernidade.

Referências

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. 7ed. São Paulo: Edusp. 2010

BRUM, Elaine. **1500, o ano que não terminou**. Artigo publicado no jornal El País, em 04\01\26016.http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/04/opinion/1451914981_524536.htm Acessado em: 05\01\2016.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo, UNESP, 1999.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade Na Primeira República**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

Palestra de Maria Juraci Maia Cavalcante. História da Pedagogia. Fortaleza, Seminário de Educação Brasileira/UFC, fevereiro de 2016.

RIBEIRO, DARCY. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.